

NOTAS

1. Originado da palavra alemã *verkitschen*, que significa trapacear, baratear, “vender alguma coisa em lugar do que havia sido combinado [...] é uma negação do autêntico.” (Moles, 1975. p.10) Na mesma linha de Moles, Hal Foster – ao citar Hermann Broch e Milan Kundera – diz que o kitsch atravessa a cultura e a política e corrompe qualquer integridade remanescente em ambas as esferas (Foster, 2021, p.24). De maneira sucinta, o termo é empregado em objetos ou atitudes que de alguma maneira traem o considerado genuíno ou legítimo. Importante comentar que o termo é utilizado no trabalho por ser o que mais se aproxima de uma definição adequada dos objetos, contudo, outros termos poderiam ser adotados, como brega ou cafona.

CRÉDITOS IMAGENS

Todas as fotografias e edições são créditos da autora (2024)

FIG.1: Espelho da minha avó.

FIG.2: Cama em que minha avó costumava dormir.

FIG.3: Sala da minha avó.

FIG.4: Cozinha da minha avó.

FIG.5: Tapeçaria feita pela minha avó, pendurada na casa do meu avô (Penduradas).

FIG.6: Quarto em que meu avô costuma ler.

FIG.7: Sala do meu avô (Desejo de virar poltrona).

REFERÊNCIAS

COLOMINA, Beatriz; BODEGRAVEN, Marian; AL ASSAL, Marianna. Arquitetura, sexualidade e mídia. São Paulo: Editora Escola da Cidade, 2023.

FABIÃO, Eleonora. **Programa performativo: o corpo-em-experiência**. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes) – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/276> Acesso: 07 abril 2025.

KOHAN, Martín. Qué cosas exactamente? *In*: Malba: **Del cielo a casa**. Buenos Aires: Malba, 2023, p. 9-17.

MOLES, Abraham. **O kitsch**: a arte da felicidade. São Paulo: Perspectiva, 1975.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Trad. André Telles. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

FOSTER, Hal. **O que vem depois da farsa?** São Paulo: Ubu, 2021.

SOBRE A AUTORA

Beatriz Carmona Hinkelmann é arquitetura e urbanista formada pela Escola da Cidade.

beatrizhink@gmail.com

Estética do arrebatamento

Matheus Henrique da Silva Martins

Orientação: Prof. Dr. Guilherme Wisnik (FAUD-USP) e Profa. Dra. Isadora Guerreiro (FAUD-USP)

Pesquisa: Pesquisa Experimental, FAUD-USP, 2023.

Diante de um antagonismo social renovado, desencadeado a partir das "Jornadas de Arrebatamento" – como conceitua o filósofo Paulo Arantes – iniciadas em junho de 2013, discutiremos neste artigo os traços que compõem uma estética própria do levante de extrema-direita ocorrido nos últimos anos no Brasil, marcado pelo protagonismo do neopentecostalismo e por uma expressividade política teatral, que busca catalisar ressentimentos morais e econômicos sentidos diante de uma pauperização geral das condições de vida. Essa estética cria uma retórica visual que, por mais que não seja coesa, consegue mobilizar e ganhar adeptos ao evocar um

repertório que tem adesão na realidade daqueles que vivem um cotidiano urbano marcado pela "viração". Nesse contexto, em que a gramática dos direitos não é mais comum e a instituição que mais se faz presente é a igreja, a noção de um Estado usurpador e de uma guerra cotidiana de todos contra todos – a ideologia liberal – e a crítica às "degenerações morais" repercutem. Discutiremos três filmes do "novíssimo" cinema brasileiro que mergulham no cotidiano dos arrebatados e que, apesar de serem hipérboles ficcionais, servem para discutir elementos da transformação social narrada por vasto trabalho etnográfico.

Palavras-chave: política; estética; Jornadas de Junho.

Rapture aesthetics

Faced with renewed social antagonism, triggered by the "Days of Rapture" – as conceptualized by the philosopher Paulo Arantes – initiated in June 2013, this article discusses the traits that compose an aesthetic unique to the far-right uprising that has occurred in Brazil in recent years. This uprising is marked by the prominence of neopentecostalism and a theatrical political expressiveness, aiming to catalyze moral and economic resentments felt amidst a general pauperization of living conditions. We argue that this aesthetic creates a visual rhetoric which, although not cohesive, succeeds in mobilizing and gaining adherents by evoking a repertoire that resonates with the reality of those living an urban everyday life marked by hustle and struggle. In this context, where the grammar of rights has faded and the most present institution is the church, the notion of a usurping State and an everyday war of all against all – the liberal ideology – and the critique of moral degenerations resonate. We discuss three films from the newest Brazilian cinema that delve into the everyday life of the raptured, and although they are fictional hyperboles, they are useful to discuss elements of the social transformation narrated by extensive ethnographic work.

Keywords: politics; aesthetics; June journeys.

Estética del rapto

Ante un antagonismo social renovado, desencadenado por las "Jornadas de Arrebatamiento" – como conceptualiza el filósofo Paulo Arantes – iniciadas en junio de 2013, este artículo discute los rasgos que componen una estética propia del levantamiento de la extrema derecha ocurrido en Brasil en los últimos años, caracterizado por el protagonismo del neopentecostalismo y una expresividad política teatral, que busca catalizar resentimientos morales y económicos sentidos ante una pauperización general de las condiciones de vida. Esta estética crea una retórica visual que, aunque no sea coherente, logra movilizar y ganar adeptos al evocar un repertorio que tiene adhesión en la realidad de aquellos que viven una cotidianidad urbana marcada por el "ajetreo". En este contexto, donde la gramática de los derechos se ha desvanecido y la institución más presente es la iglesia, la noción de un Estado usurpador y una guerra cotidiana de todos contra todos – la ideología liberal – y la crítica a las "degeneraciones morales", resuenan. Discutimos tres películas del "súper nuevo cine brasileño" que se sumergen en la vida cotidiana de los arrebatados, y aunque sean meras hipérboles ficcionales, sirven para discutir elementos de la transformación social narrada por un vasto trabajo etnográfico.

Palabras clave: política; estética; Jornadas de Junio.

1. INTRODUÇÃO: O FIM DO FIM DA HISTÓRIA E O ARREBATAMENTO

Em meio aos debates sobre junho de 2013, ocorridos no marco de dez anos dos levantes que naquele mês movimentaram o país, ocorreu o seminário “Visões de Junho: textos e contextos”,¹ na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). No segundo dia do seminário, uma quarta-feira, às 19h, o auditório estava cheio para ouvir Paulo Arantes e Pablo Ortellado discutirem Junho e seus rebatimentos.² Arantes iniciou sua fala evocando e justificando a utilização do termo “Jornadas de Junho” e, mais do que isso, a sua caracterização como “Jornadas de Arrebatamento”. O professor explicou a utilização de arrebatamento em seu sentido teológico-político, que ocorre em cultos religiosos, mas também em movimentos de massa. É o momento no qual nos arremessamos e ultrapassamos a nós mesmos, nos colocamos em uma posição acima de nós mesmos. Segundo ele, o sentimento de arrebatamento estava presente naqueles que foram às ruas em junho de 2013. Também afirmou que essas jornadas duraram dez anos: “dez anos de um extenso agora”,³ que se dá em torno da distância entre a intensidade do momento de arrebatamento durante os levantes e da quebra de expectativa com o retorno à vida cotidiana.

Em 2013, esse sentimento de arrebatamento derivou da percepção de que algo estava chegando ao fim: “o fim da história”. Portanto, em junho, com o fim do fim da história, a história volta ao Brasil. Uma história, entretanto, sem h maiúsculo.⁴ Após mais de vinte anos de tédio, de hegemonia do “pensamento único”, de convergência de todo o pensamento político para o “centro”, de aparente paralisia da história, o fim da história chegou ao fim. Perto de o seu tempo esgotar, Arantes acrescentou aquilo que nos é mais importante: que esse fim do fim da história é, de fato, o fim. E esse fim próximo “redimensiona” nossa noção de arrebatamento, por meio do outro ator principal das jornadas: um “povo de Deus”, que representa 30% do eleitorado, elegeu seu representante à Presidência da República em 2018 com mais de 50 milhões de votos. Eleitorado que também

compreende esse tempo presente como uma jornada de arrebatamento, pois esse povo está à espera do apocalipse, acredita que ele está próximo e que é necessário acelerá-lo, porque com o fim, finalmente, serão arrebatados.

Arantes adiciona um novo elemento às leituras correntes no meio intelectual-acadêmico sobre a emergência dos evangélicos, sobretudo neopentecostais, como força política do nosso tempo: que o objetivo de seu avanço não é apenas tomar o poder, mas o visa devido ao mesmo diagnóstico de “uma esquerda catastrofista”, de que o mundo está acabando. O que eles querem, entretanto, não é evitar esse fim, mas apressá-lo, pois, após o momento de êxtase dos levantes, retornamos à vida cotidiana e nada parece ter acontecido, o *establishment* permanece imóvel enquanto a ruína do mundo se aprofunda; os efeitos das mudanças climáticas são sentidos – ainda que não se acredite nelas –, a exploração do trabalho é intensificada – ainda que se pense estar “empreendendo” –, a espoliação urbana (Kowarick, 1979) se coloca sob dimensões renovadas e a vida urbana torna-se insuportável. Volta-se a viver o inferno da vida cotidiana, e o “arrebatamento” (agora em seu sentido puramente escatológico) parece ser a única saída, pois, diferentemente dessa esquerda catastrofista, eles acreditam que irão para outro lugar quando forem arrebatados.

De modo geral, o que esse debate esquadrinha é um tempo presente marcado por um antagonismo social renovado, caracterizado aqui como o fim deste “fim da história” como o conhecemos. Neste antagonismo, dois são os atores principais: aqueles que empreendem o arrebatamento (ou nisso acreditam) e aqueles que a ele resistem e sobrevivem. Evitamos uma leitura sob o emblema bolsonarismo, cujo representante máximo parece perder força no jogo político para algo maior, que na realidade parece ter sido aquilo que o impulsionou. As Jornadas de Junho, para nós brasileiros e o impulso dado a este novo antagonismo social no cenário político do país parecem tê-lo conectado ao tempo do mundo (Arantes, 2014). Um mundo convulsionado e a caminho do arrebatamento, onde o fim do fim da história já havia sido iniciado.⁵

Neste artigo buscamos refletir sobre de que formas tais atores sociais empreendem

o arrebatamento, estética e discursivamente, e sobre quais bases materiais sua ação se assenta. Iniciamos com um breve interregno à reflexão, que visa perseguir linhas gerais de como a escatologia emerge na cena política contemporânea, sobretudo por meio da ascensão dos neopentecostais. Em seguida, observamos sua representação nas redes por meio da análise de algumas imagens que viralizaram nas redes sociais nos últimos anos, imagens de acontecimentos teatrais da nossa política recente. Argumentamos que estas são parte essencial dos dispositivos (Agamben, 2009) de poder da contemporaneidade, justamente por terem a capacidade de mobilizar. Por fim, por meio de filmes do “novíssimo cinema brasileiro” que mergulham no cotidiano dos arrebatados, com personagens que mimetizam de maneira exagerada essa realidade social, discutimos como essa mobilização opera, como se processa o arrebatamento.

Observamos e perseguimos, sem pretender esgotá-las, algumas das linhas de força que constituem o atual tecido social, em rápida transformação, mirando a hipótese de que o arrebatamento reverbera justamente ao dar sentido à experiência social do nosso tempo, cujo plano de referência, constituído outrora sob as noções de leis, direito, cidadania e espaço público, não possui mais adesão,⁶ pelo contrário, se caracteriza por uma realidade que promove espoliação e despojo. Partimos, portanto, de uma análise estética, que articula contribuições da crítica artística e cultural, aliada a um diagnóstico do mundo contemporâneo – a ser tecido ao longo do trabalho –, que parte da realidade urbana e das suas recentes transformações.

2. INTERREGNO À REFLEXÃO: QUEM É ESSE “POVO DE DEUS”?

VLADIMIR Você já leu a Bíblia?
ESTRAGON A Bíblia...? (*Pensa*) Devo ter passado os olhos.

VLADIMIR (*Espantado*) Na escola sem Deus?

ESTRAGON Sei lá se era com ou sem.

VLADIMIR Deve estar confundindo com La Roquette.

ESTRAGON Pode ser. Lembro dos mapas da Terra Santa. Coloridos. Bem bonitos.

O mar Morto de um azul bem claro. Dava sede só de olhar. *É para lá que vamos, eu dizia, é para lá que vamos na lua de mel. E como nadaremos. E como seremos felizes.* (Beckett, 2017, p.19)

O crescimento do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil é evidente, tendo alcançado um número impressionante de fiéis e de igrejas, sobretudo nas periferias, mas também entre as elites. Se na década de 1980 o catolicismo era a religião de 89% dos brasileiros, enquanto apenas 5,6% eram evangélicos, em 2014 esse número já havia caído para 64,6%, e os evangélicos saltaram para 22,2%, número que em 2019 já batia 31%. O total de igrejas passou de 30,2 mil em 1990 para 178,5 mil em 2022 (Manso, 2023). E não foi apenas a quantidade de igrejas e fiéis que mudou dentro do cristianismo, mas principalmente a forma como se exerce a fé: o número de vezes que os convertidos ao protestantismo vão à igreja com relação ao catolicismo, por exemplo, disparou, boa parte indo mais de duas vezes na semana. Como afirma Manso (2023, p.73), “além de mudar a consciência, [a igreja] cria uma nova rotina e comportamentos que permitem a ampliação de laços e a costura de uma rede de contatos e apoios mais forte”.

O crescimento neopentecostal se intensificou, justamente, em paralelo à despolitização da ação episcopal das comunidades eclesiais de base e a *débâcle* da teologia da liberdade, que perdeu espaço na Igreja Católica, criando uma espécie de “vácuo hermenêutico em torno da experiência do sofrimento” (Dunker et al., 2021, p.239). Em meio ao aumento da crise urbana e da experiência de violência e espoliação nas periferias, era necessária uma nova sintaxe que conectasse o sofrimento cotidiano com outra gramática de transformação, realizada justamente pelo neopentecostalismo. A fundação da Igreja Universal do Reino de Deus, em 1977, que se caracteriza pela teologia dispensacionista da prosperidade e pelo neopentecostalismo de resultados, é um marco dessa transformação. O sofrimento é sinal de fracasso pessoal, instrumentalizado moral e politicamente. Ele é transformado em demanda (“Está sofrendo? Procure um Pronto-Socorro

Espiritual 24h”) para a qual a solução é uma inserção exasperada no capitalismo: a prosperidade.

Nesse processo, em que a religião assume um “pacote de serviços e compromissos” (Dunker *et al.*, 2021, p.242), os grupos religiosos passam a operar empreendedora. Pastores milionários operam como CEOs ou *coaches*, seguindo a lógica, a gramática e o discurso do mundo empresarial, plasmado à teologia. E a riqueza que adquirem não é sinal de vergonha ou constrangimento, mas sim da manifestação divina. Os fiéis tornam-se clientes, e por isso a preocupação com a formação moral e dos costumes, com as suas práticas e hábitos, mais do que salvação, garante-se fidelização. Isso, evidentemente, leva a uma fragmentação crescente do neopentecostalismo, que vai se unificar cada vez mais em torno de um inimigo comum externo: o Estado. A união contra o petismo, nas eleições de 2018, é um marco desse fenômeno (Dunker *et al.*, 2021).

Chegando ao ponto que precisamente nos interessa, esse embate com o inimigo torna-se messiânico, os outros são as forças das trevas e essa guerra adquire uma nova dimensão sob a leitura escatológica da Bíblia, popular entre os integrantes da Assembleia de Deus e de outras igrejas, de que “Jesus vai voltar pela segunda vez à terra para arrebatá-los os crentes e a Igreja para o reino dos céus, antes de o mundo acabar” (Manso, 2023, p.83). Diante do colapso climático e ambiental, torna-se cada vez mais corrente a fé de que esse momento está próximo e os desastres recorrentes são tidos como evidências, assim como “colapso” moral – normalização de sexualidades e identidades de gênero dissidentes e liberdade sexual. Essa leitura incentiva o trabalho missionário: é necessário converter as pessoas para que sejam salvas. E junto da conversão vende-se um pacote de crenças que as façam vencer nesse mundo em ruínas. Com o tempo, para determinados grupos, ocupar os espaços de poder tornou-se parte dessa estratégia, não para salvar o planeta ou criar estruturas que preservem a vida, mas expulsar o mal para que o bem impere, pois “quando chegar a hora da verdade, a igreja e os bons serão

arrebatados para o céu [...]” (Manso, 2023, p.84).

Este movimento não começou em 2018. Existe uma longa trajetória de influência dos evangélicos na política brasileira, a “bancada da Bíblia”, por exemplo, existe desde 2003. Nos últimos anos, entretanto, a articulação entre a imensa fidelização e o poder político parece ter, finalmente, se consolidado. O impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, é marcado por esse poder que emergia. Pacheco (2016) afirma que foi um “golpe (bem) dado em nome de Deus”, ao lembrar a afirmação da advogada Janaína Paschoal, a autora do processo de impeachment que depois se tornou deputada estadual, de que “foi Deus que fez com que várias pessoas, ao mesmo tempo, cada uma na sua competência, percebessem o que estava acontecendo com nosso país e conferisse a essas pessoas coragem para se levantarem e fazerem alguma coisa a respeito” (Pacheco, 2016). A tônica de um “regime de urgência” pela preservação dos costumes, proteção da família, enfrentamento à corrupção etc., estava presente em todos esses discursos, dos jovens do MBL à Paschoal, passando por Eduardo Cunha com seu voto emblemático.

Além de maior força, entretanto, eles adquirem novas características ao se associarem a outras “matrizes discursivas” que também foram impulsionadas nesse período, catalisadas pelo bolsonarismo (estando a religião, inclusive, na origem de algumas): militarismo, anti-intelectualismo, empreendedorismo, anticomunismo, libertarianismo econômico, discurso anticorrupção, conservadorismo social, todos convergindo para uma figura única, o cidadão de bem, a síntese da euforia escatológica (Nunes, 2022). Esse é que irá empreender a batalha contra os *outros* na política brasileira, podendo utilizar quaisquer meios que estão, de antemão, justificados pela maior autoridade: Deus. Essa espécie de guerra santa, como já dito, não tem como objetivo consertar um sistema fadado à ruína, mas colocar mais combustível na máquina que o faz girar, pois ao final, acreditam que estarão salvos e que haverá um lugar melhor onde serão felizes, tal qual Estragon.

3. LEVANDO ADIANTE O ARREBATAMENTO: A POLÍTICA COMO ESTÉTICA

Imagens que, das redes sociais aos jornais, repercutidas com impressões e discursos de ódio – nem sempre por pessoas reais –, marcaram a cena política nos últimos anos. O então candidato à Presidência da República, em discurso de campanha, dando o tom da relação com os adversários: “vamos fuzilar a petralhada”; a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, ao anunciar o início de uma nova era, gritando animosamente que “menino veste azul e menina veste rosa”; o secretário de Cultura mimetizando o ministro da Propaganda de Hitler, com direito à traje e ambientação inspirados nas propagandas nazistas, afirmando que a arte brasileira será heroica e nacional, “dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada” (BBC News, 2020); o Ministro do Meio Ambiente que, em reunião ministerial – que por si só merece um capítulo à parte –, dá o tom da relação com a natureza: “ir passando a boiada”; de “gripezinha” à imitação de falta de ar (a condução da pandemia merece um capítulo à parte). A lista é longa e exaustiva. Para concluir, porém, uma imagem vale ser destacada: a Praça dos Três Poderes, em Brasília, e seus edifícios – “emblemas da democracia” (Wisnik; Rolnik, 2023) –, tomados por uma horda de “patriotas” no dia 8 de janeiro de 2023.

A análise de Guerreiro (2023) sobre esse episódio nos dá pistas para começar a tentar compreender a prática política que, ao mesmo tempo, conforma e é conformada por estas imagens:

[...] sem pauta e sem ambiguidade, a política se reduziu à estética de um *show espetacular imagético*, com “*genealogia religiosa, reencenando os iconoclastas*” (Bernardo, 2021), destruindo os objetos de arte e edifícios modernistas que representavam o Estado, em fúria contra a “estatolatria” e tudo o que ela enseja. [...] uma reflexão sobre o que a sua forma revela: *a estetização da política retira qualquer possibilidade de ação autônoma que construa significados*

ou práticas transformadoras para além deste cenário positivado. (grifos nossos)

Este “show espetacular imagético”, que estendemos aqui às outras imagens citadas ou que se possa imaginar, é a forma da política do arrebatamento, pois, quase que comicamente, põe em suspensão aquilo que conforma a política tal qual a conhecemos nos moldes do capitalismo: desafia o Estado, goza da democracia e torna seletiva a aplicação da lei. São práticas, entretanto, daqueles que estão “dentro” da máquina, e que são realizadas “à luz do dia”, angariando a adesão que as legitima, mantendo oculto apenas aquilo que é necessário. Nos termos de Foucault (2008), é a teatralização necessária ao “golpe de Estado” – que na acepção do autor “não significa em absoluto o confisco do Estado por uns em detrimento dos outros”, mas uma interrupção das leis e da legalidade que visa garantir, justamente, a manutenção da condução do Estado –, e que se apresenta agora de maneira tão clara como nunca.

Esta talvez seja a primeira maneira, não só de manter, mas de expandir o poder e mobilizar. Em contraste com uma conjuntura perene, baseada num “consenso [...] hegemonicamente liberal, acerca da normalidade da mudança, devidamente calibrada para não anular os condenados da terra ‘a esperança e a expectativa de mudanças mais fundamentais no futuro’” (Arantes, 2014, p.93), a prática constante de uma aparente suspensão das estruturas mobiliza, ou em termos mais próximos ao seu principal meio de disseminação, “engaja”. Destaque ao aparente, pois, retomando aquilo já dito, o suspenso é relativo ao outro que é representado como a raiz do atual “estado de emergência”: não o Estado propriamente, mas as políticas redistributivas e afirmativas, os direitos civis e sociais, o outro que não é o “cidadão de bem”. Estas imagens, portanto, além de possuírem uma forma que por si mobiliza, tem em seu conteúdo o outro contra quem se mobiliza.

Para além de sua forma política teatral, essas imagens criam uma retórica visual (Beiguelman, 2020) que direciona o ódio a determinados grupos. Seguindo a compreensão de Beiguelman, a partir da elaboração do linguista Roland Barthes,

pensar uma retórica própria às imagens, e não restritas ao discurso verbal, permite que se incorpore à análise as convenções pelas quais o discurso é criado nos artefatos visuais e nos processos pelos quais influenciam seus espectadores.⁷ Esse universo imagético, compreendido como uma dimensão da vida social, cada vez mais presente por meio do uso permanente e contínuo das redes sociais, permite pensar o arrebatamento no âmbito da experiência cultural de nosso tempo (Beiguelman, 2020, p.550-551).

Quando, durante a pandemia, parte considerável da sociedade aceita a perspectiva de que “alguns vão morrer” e não há nada a ser feito além de lamentar, vê-se subjacente a essa aceitação o pragmatismo de que esses “alguns” são, sobretudo, idosos, ou aqueles que possuíam doenças preexistentes (que não fazem mais a máquina girar), além dos mais pobres, que não tinham a possibilidade do isolamento – a relegação dos vulneráveis ao “deixar morrer”, biopolítica *ipsis litteris*. Também não há grande comoção por aqueles sobre os quais a boiada vai passar, pela arte que será dizimada para que aquela que “representa as aspirações do nosso povo” surja, e muito menos por aqueles que não vestem a cor que se espera. O importante é que nessa operação imagético-discursiva, constantemente replicada e posta sob novas impressões de todos aqueles que o quiserem – característica própria do seu espaço de circulação, as redes sociais –, a adesão vai se tornado cada vez maior e a convenção se solidifica.

A vantagem é, entretanto, que essa convenção, assim como a sua representação, não precisa ser perfeita, pois ao se confrontar com ela, o sujeito – tratado aqui como espectador (Rancière, 2014) – atribui novos significados. A análise de João Bernardo (2021) sobre a obra de arte nos ajuda a compreender:

A relação artística, porém, é dupla. É, primeiro, a relação entre o criador e o objecto artístico e, depois, entre o público e esse objecto. Mesmo quando o artista cria uma narração, num romance ou num filme, ele lança a narração ao público, para que o público se confronte com ela. [...] *A arte é um espelho activo*, em que o espectador se reflecte a si, às suas

memórias e aos seus desejos, e o reflexo devolve-lhe uma imagem transformada [...]. (grifos nossos)

Novamente, retornamos à forma. A redução da política a um “desempenho exclusivamente estético”, apartada da razão. Sua forma era seu verdadeiro conteúdo, que anula a contraditoriedade deste. Em um cenário de pauperização acentuada, marcada pela perda de direitos e precarização do trabalho que abrange parcela cada vez maior da população – inclusive uma classe média que nos anos de bonança lulista viu seu poder aquisitivo crescer –, a base social do arrebatamento é imensa, e o ressentimento nela gerado é dirigido mais facilmente àqueles que, mesmo que apenas simbolicamente ou formalmente, alcançaram conquistas recentes: mulheres, negros, LGBTs,⁸ ou ainda, àqueles que, nas margens da margem, são tidos como motivo do aprofundamento da desordem social: desempregados, sem teto, dependentes químicos etc. Contra ambos os grupos, o arquétipo do cidadão de bem é mobilizado como contraposição ideal.

Essa parece ser a segunda forma pelo qual o arrebatamento mobiliza: ele catalisa o ressentimento contra esses grupos que permeiam as bases sociais. Gago e Giorgi (2022, p.63) possuem interpretações similares ao analisarem aquilo que chamam de “*nuevas derechas*” e afirmam que

tanto los liderazgos como las formas expresivas que señalamos ponen en juego, pesar de su carácter reaccionario, la noción de libertad, que se vincula en su acepción actual a un “modo de gestión política de la precarización generalizada”. (Gago; Giorgi, 2022, p.63)

Esse ressentimento, por um lado, é moral, fundamentado pura e simplesmente na moral cristã — com todas as novas camadas que adquire com o neopentecostalismo. E, por outro, é econômico, dirigido tanto àqueles que prosperam, mesmo tidos como inferiores a partir desta moral, que “de repente” passaram a estar nos comerciais, nos programas de tv, fazendo publicidade para marcas nas redes sociais; ou então que ascenderam socialmente, entraram na universidade, conseguiram cargos mais

altos e passaram a morar no condomínio fechado, onde toda a ideologia securitária afirmou que nunca entrariam; quanto àqueles que não prosperaram – a maioria –, e cujo fracasso é tido como pessoal, e não estrutural e sistemático, portanto, devem mesmo lotar as penitenciárias, estar à deriva nas ruas ou em campos de concentração disfarçados de centros terapêuticos ou de trabalho falsamente voluntário, afastados da vista da sociedade. O neopentecostalismo e o neoliberalismo têm aqui sua confluência mais perversa no “deixar morrer” o outro que não é o seu espelho. É essa a convenção do arrebatamento, é o que a retórica visual veicula e sua estética espelha e potencializa. É assim, articulando forma e conteúdo, que ela mobiliza.

Vale ressaltar, por fim, que por mais que o semblante nacional deste “show espetacular imagético” tenha caído – não sabemos até quando –, suas variações continuam a ocupar governos municipais e estaduais, assim como o congresso. Suas práticas governamentais continuam a todo vapor e, mais que isso, sua movimentação nas bases, por vezes mais sutil, continua a operar. Sua adesão à realidade concreta continua pujante. O arrebatamento não se inicia e tampouco se encerra com o bolsonarismo.

4. RETRATOS DE UM PAÍS ARREBATADO

CENA 1

Logo pela manhã, Irene grita com seu filho mandando-o abaixar o volume do celular, que está incomodando seu pai, enfermo, deitado na cama debaixo da beliche, no pequeno quarto que os dois, a criança e o idoso, dividem. Reclama o garoto: “ele nem escuta mais”, referindo-se ao velho. Essa realidade familiar tacanha sofre um abalo quando um intruso surge na dinâmica familiar. Em meio à cena, na porta da casa de Irene, uma nova enfermeira chega e lhe faz uma proposta.

CENA 2

Rivelino está fazendo uma rima com seu patrão, Alê, quando um “noia” começa a gritar por Alê na porta de sua casa, interrompendo-os. Rivelino vai abrir e, quando volta, Alê fala que não quer ninguém gritando o seu nome na porta de

casa, mesmo assim passa as “paradas” para o noia, que vai embora. Rivelino então solta “aê Alê, a droga é tua e tu faz o que você quiser, mas você quer ser o que? Pai de nóia? Vê se isso daí acontece na boca da família, lá noiado não tem moral não”. Alê responde: “Que família? Família é o caralho, isso pra mim não é família não! Os moleques se matando todo dia. Isso é coisa de *irmão?*”.

CENA 3

Suellen acorda de madrugada e sai de casa. percorrendo uma rodovia, sobe no pico de um morro e acende uma vela. Mesmo saindo de lá apressada, chega ao trabalho no pedágio atrasada. No intervalo, sua amiga Telma mostra os vídeos de seu filho performando uma “diva” em um comercial e fala “não é acendendo vela de virilidade em topo de morro que você vai resolver isso aqui não”.

Essas cenas pertencem, respectivamente, aos filmes “Carvão”, de Carolina Markowicz, “Noites Alienígenas”, de Sérgio de Carvalho, e “Pedágio”, também de Markowicz. Esses filmes são entendidos aqui como parte do “novíssimo cinema brasileiro”, movimento que, segundo Ikeda (2014), começa a se conformar e ganhar impulso na virada do século, a partir de uma renovação do cinema brasileiro, com cineastas mais jovens e uma crítica cinematográfica também renovada. Esses filmes não constituem um bloco esteticamente homogêneo e, portanto, falamos aqui de uma “estética do arrebatamento” sem pretender estendê-la a todo o novíssimo cinema brasileiro, mas presente nos filmes citados.

“Carvão” retrata uma família que leva uma vida difícil sobrevivendo de uma carvoeira numa cidade de interior sulista. Para além da dinâmica familiar, o filme oscila entre hinos evangélicos ao fundo, que servem de transição entre algumas cenas, o som do carvão queimando e as missas da Igreja Católica que a família frequenta. Quando de repente Irene recebe a proposta de se livrar de seu pai doente, colocar no lugar dele um traficante fugitivo e receber em troca disso o dinheiro que serviria para sair do sufoco, ela faz algo um tanto quanto inesperado: aceita e dá significado a essa ação isso à luz do evangelho. A partir daí, vai vendo sua vida pacata se

desestabilizar. Seu marido vai sumindo com o dinheiro aos montes, com presentes para o vizinho com quem mantém relações sexuais. A criança, que vive ao relento em casa, sem muita atenção, passa a se divertir com o traficante e a fazer favores para ele. Irene, beirando o desespero por conta desse homem que após semanas não é levado de volta, busca algum conforto justamente junto ao traficante que, para surpresa cômica, também prefere o marido dela. O enredo excruciante termina quando finalmente arranjam uma solução para a situação: enforcar o traficante até a morte, juntos, como uma família.

"Noites Alienígenas" conta a história de um grupo heterogêneo de personagens que vivem em Rio Branco, no Acre, mas tem três jovens como foco principal: Rivelino, um artista que trabalha para um traficante local, tentando sobreviver da maneira que pode; Sandra, uma mãe solo negra que sonha em sair dessa realidade para estudar medicina; e Paulo, pai do filho de Sandra e dependente químico, que vive em conflito com sua mãe evangélica e sua ancestralidade indígena. Rivelino, insatisfeito com a falta de disciplina de seu chefe, abandona-o e busca a benção dos "irmãos", tornando-se um deles. Sua primeira tarefa é matar Paulo, que depois de se enrolar, foi levado para um "debate". Rivelino "dá pra trás", libera Paulo e, sem encontrar refúgio, é morto pelos "irmãos". Já Paulo encontra seu refúgio nas águas e na floresta, em sua ancestralidade, com apoio de seus familiares e de sua mãe evangélica que, no limite, deixa de procurar solução para seu filho na igreja.

"Pedágio" nos aproxima de Suellen e seu filho Tiquinho, um jovem gay que se vê como uma e busca performar as divas que vê nos comerciais de tv. Ao não aceitar seu filho, sob a constante pressão de sua amiga Telma, Suellen resolve buscar "soluções" para ele. Quando as promessas do catolicismo não lhe rendem resposta, Telma aparece com uma: um curso com um pastor português que está no Brasil para curar a homossexualidade, por mil e seiscentos reais. O acirramento da situação faz Suellen recorrer ao namorado, cujas práticas que antes condenara, parecem ser agora a solução: assaltar os ricos que passam no pedágio. No esquema, Suellen se dá mal quando os assaltantes matam um

dos alvos que, ironicamente, era o pastor acompanhado de um jovem charmoso, e colocam a culpa nela. Depois de dois anos presa, Suellen retorna e vai viver com Tiquinho, recém ingresso na maioridade, e seu namorado. O enredo irônico e satírico se encerra com uma performance estonteante de Tiquinho, na frente de sua mãe, num restaurante de centro comunitário onde ele a levou para trabalhar servindo comida. A liberdade que Tiquinho alcança, no limite, não vai além da performance.

Esses filmes, mais do que um retrato, são "puro suco de Brasil". São nosso tempo presente liquidificado e posto no copo menos glamuroso. Apesar de serem hipérboles ficcionais da realidade, permitem aglutinar situações que vemos cotidianamente e, mais do que isso, ver como a realidade se processa em movimento. Uma realidade de dissolução do "horizonte de expectativas" num grau em que este se negativou (Arantes, 2014), em que a ideia e a possibilidade de progresso não estão mais postas, mesmo para aqueles sujeitos que nunca foram de fato alcançados por ela – e sua simples miragem foi o que sempre os mobilizou. No cotidiano, essa realidade é marcada pela dissolução do mundo do trabalho tal qual o conhecíamos; pela perda constante de direitos, assim como de seu significado, da possibilidade de tê-los e da necessidade de se mobilizar em torno de sua conquista; e pelo aumento da violência, a ponto de esta passar a ser parte da forma de vida, mais que as leis ou a esfera pública.

Sobre esse cenário se processa o arrebatamento. No cotidiano daqueles que vivem o "inferno" todos os dias aqui e agora, e não resta muito a não ser se apegar aqueles que oferecem, não perspectivas – porque essas não existem mais, todos já perceberam –, mas um pacote de soluções para vencer, ainda que performaticamente, ainda que de forma muito limitada. Coexistem em todos os filmes o *crime*, não tanto com essa figuração midiática, policialesca e alarmante – salvo algumas exceções –, mas sim como negócio, mercado, "viração" (Telles, 2007), e os embates entre as religiões, nos de Markowicz, entre o catolicismo e o neopentecostalismo, e no de Carvalho também a ancestralidade indígena. Os filmes retratam bem como, neste contexto,

constitui-se uma "zona cinzenta que torna incertas e indeterminadas as diferenças entre o trabalho precário, os experientes de sobrevivência e as atividades ilegais" (Telles; Hirata, 2010, p.40), que se expande cada vez mais a novos sujeitos e territórios, conformando-os.

Entretanto, apesar dos embates religiosos, é a gramática da prosperidade neopentecostal que se mescla melhor com a "viração". Ora, Irene faz o que faz para viver melhor com sua família, seu pai já estava quase partindo de qualquer forma, ela não fez nada além de pôr fim a seu sofrimento, fez o que precisava ser feito e Deus a entenderá. Suellen, por outro lado, empreende uma verdadeira guerra santa contra aquilo que seu filho pode se tornar, porque ela quer salvá-lo, quer que ele se dê bem, e no final não importa os meios que mobilizou para isso. A coesão de sentido que se atribui a essas práticas sob o contexto político atual é o que permite que elas se deem e interajam em todos os níveis: na vida cotidiana, mas também nas práticas daqueles que estão acima, cujo projeto político compreende e abarca essa realidade. Suellen tem aval não só da amiga Telma e da igreja, mas de uma sociedade que põe em prática e ovaciona "*una teatralidad hipermasculina que ponen al género – convertido en doctrina bajo la fórmula 'ideología de género' contra la que hay de batallar'*" (Gago; Giorgio, 2022, p.63). Novamente, hipérboles ficcionais, mas que ilustram uma realidade em curso que tem sido discutida na produção recente de vários estudiosos.⁹

Em todos eles se percebe, mas de forma central em "Noites Alienígenas", a "*expansión al ras de las subjetividades que lidian con la precariedad, de quienes tienen la experiencia de la guerra cotidiana para garantizar la reproducción social*" (Gago; Giorgio, 2022, p.65), ancorada naquilo que já discutimos como uma falsa transgressão à ordem: não ao estado de coisas que estrutura a exploração, a espoliação e a precariedade, mas às leis e políticas vigentes que nunca fizeram, de fato, frente a essa estrutura e, portanto, não possuem adesão nesta realidade. O que Rivelino busca, ao abandonar seu padrão e se juntar aos irmãos, é a disciplina que a firma que ele faz parte não possui e tem feito com que saia perdendo nos

negócios. Na raiz, a subjetivação neoliberal competitiva é o que não só dá ancoragem ao neopentecostalismo, mas o que permite que ele dialogue perfeitamente com essas existências e com as "*formas de 'guerra civil' en los territorios de la precariedad junto al impulso y proletarización de las economías ilegales*" (Gago; Giorgio, 2022, p.64).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: HAVERÁ CONTRARREVOLUÇÃO AO ARREBATAMENTO?

Todo espectador é já ator de sua história; todo ator, todo homem de ação, espectador da mesma história. (Rancière, 2014, p.21)

Neste artigo, priorizamos por luz às formas de subjetivação que estão na raiz das transformações políticas ocorridas no país nos últimos anos, em detrimento das análises que têm como foco as coalizões de classe que possibilitaram "desde cima" que essa conjuntura se sustentasse, sem, entretanto, considerá-las irrelevantes. O direcionamento mais atento da análise para as transformações no tecido social visa tentar compreender como se opera a mobilização num tempo em que "o campo de experiência e o horizonte de expectativa voltaram a se sobrepor" (Arantes, 2014, p.87), ou seja, que o que se vive todo dia no cotidiano é o que há e o que haverá.

As atitudes dos personagens, de Irene, que sacrifica seu pai para entrar num negócio com traficantes, e de seu marido, que a trai com o vizinho mas vai à igreja aos domingos; de Suellen, que tenta retirar a homossexualidade do seu filho, e de seu namorado, que assalta carros na rodovia e depois a culpa; mas também de Rivelino, Paulo, Alê, enfim, possuem não só o componente do aqui e agora e um estranhamento total às estruturas do Estado e do Direito, que se metamorfoseia numa espécie de transgressão a essas, mas também um componente escatológico em ato, uma noção constante de que, no limite, não há muito a perder.

O campo de experiência é tão insuportável, que agir, independentemente de como, é sempre melhor. São práticas

que diferem das daqueles que, “tocados por Deus”, perceberam que precisavam tomar o poder e fazer algo para aprumar os rumos do país em direção à salvação espiritual – já que, concretamente, a destruição está dada. Se esses personagens pertencessem a essa década, tampouco seriam eles os patriotas que marcharam no 8 de janeiro rumo à sede dos Três Poderes em Brasília (os supostos cidadãos de bem), e provavelmente, também não estariam entre aqueles que tomaram as ruas em junho de 2013. O que os conecta, então?

Ao circunscrever aquilo que chamei de “imagens”, como um dispositivo que opera a mobilização desses sujeitos, refiro-me à acepção foucaultiana que os compreende como “uma espécie de formação que num certo momento histórico teve como função essencial responder a uma urgência” (Agamben, 2009, p. 24), da qual a retórica visual e a estética é elemento central, porque é por meio dela que se opera “uma certa manipulação das relações de força” (*ibid.*) inerente ao dispositivo, manobrando convenções que ganham força no tecido social. É a ação de pôr todo o estado de coisas em suspensão sem sequer movê-lo efetivamente; é a ação de criar, colocar como alvo e lutar contra um inimigo que, figurativamente, reúne tudo aquilo que se compreende como maligno; é veicular o pacote não só de crenças, mas também de soluções imediatas à realidade, soluções reais para uma realidade no qual só importa o aqui e o agora. É isso que faz o arrebatamento, tanto “desde baixo” como “de cima”.

Isso ocorre tão bem pois, o espectador, ao ver essas imagens, ao partilha-las, se vê como ator. Ao analisar os paradoxos envolvidos na discussão entre o teatro e o espectador, Jacques Rancière mostra como grande parte do debate centrou-se na busca de eliminar a distância entre um corpo ativo (que atua) e um corpo passivo (que apenas assiste). Quando, na realidade, ser espectador não é a condição passiva que precisa ser convertida em atividade, mas é a condição normal, pois todo espectador já é ator de sua história. Diante do espetáculo, o poder do espectador consiste em “traduzir à sua maneira o que percebe, de relacionar isso com a aventura intelectual singular

que o torna semelhante a qualquer outro” (Rancière, 2014, p.20). A potência da estética do arrebatamento, portanto, posta em ato, é sua adesão à realidade do espectador. Isso foi perdido pelas esquerdas, que não podem mais alimentar a esperança e a expectativa de mudanças mais fundamentais para os condenados da terra no futuro, agora que o consenso hegemonicamente liberal acerca da normalidade da mudança se desmanchou (Arantes, 2014). A “contrarrevolução”, portanto, perpassa resgatar essa adesão à realidade concreta e buscar transformá-la, e não apenas resistir ao arrebatamento.

NOTAS

1. O evento foi organizado por Matheus Ichimaru, Pedro Ivan Moreira de Sampaio e Thomás Zicman de Barros, sob coordenação dos professores Alberto Ribeiro G. de Barros e Sérgio Cardoso. Mais informações disponíveis em: <https://www.fflch.usp.br/79035>. Acesso em: 14 set. 2023.
2. As palestras do seminário também foram transmitidas online e estão no canal do Youtube @ uspfllch. O vídeo do debate citado está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TosKBvLonMY>. Acesso em: 14 set. 2023.
3. Tanto a referência ao arrebatamento como uma maneira de se referir aos eventos que ocorreram em junho de 2013 – ainda que o termo tenha sido utilizado noutro sentido, como destaca o professor –, quanto à extensão das jornadas até o presente momento, Paulo Arantes atribui a Rodrigo Nunes (2022).
4. Arantes atribui essas afirmações aos militantes organizadores e autores do livro “Junho: potência nas ruas e nas redes” (Moraes *et al.*, 2014). A discussão faz referência ao americano Francis Fukuyama, que em artigo de 1989, proclamou o “fim da história”, dado o colapso da União Soviética, marcado emblematicamente pela queda do muro de Berlim. Em sua visão, a suposta vitória do mundo ocidental e do capitalismo dava origem a uma nova era “definitiva, racional, da sociedade e do Estado”, o estágio final da história (Kurz, 1993).
5. Ver Rodrigo Nunes (2022), sobre a relação entre os eventos de junho de 2013 e o contexto político global.
6. Sobre o deslocamento deste “plano de consistência”, ver Vera Telles (2007).
7. Na análise de Giselle Beiguelman (2020, p.551), pode-se assim analisar as imagens para além de seu valor estético, compreendendo-as como “elementos simbólicos constitutivos de um sistema de comunicação”. É importante ressaltar isso, pois, quando falamos aqui de imagens, trata-se de um conjunto de mídias, inclusive vídeos, que em geral são acompanhadas de um discurso textual ou verbal, mas que, com o tempo, mesmo com esses elementos depurados, continua a reverberar no inconsciente coletivo com todo o seu simbolismo.
8. Rodrigo Nunes (2022) desenvolve este argumento com maior profundidade.
9. Além de Telles (2007), já citada, pode-se observar também esses aspectos em uma série de trabalhos etnográficos, como em Prieto e Verdi (2023), Amorim e Feltran (2023) e em artigos do Dossiê “Illegalismos e a produção da cidade” (Hirata; Rocha; Santos Jr., 2025), assim como em demais trabalhos dos autores citados.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo. *In*: AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AMORIM, A. N.; FELTRAN, G. Ordem e progresso: expansão do mundo do crime e projetos de mobilidade. **Novos Estudos Cebrap**, v.42, n.1, p.21-38, 2023. <https://doi.org/10.25091/S01013300202300010002>.
- ARANTES, P. O novo tempo do mundo. *In*: ARANTES, P. **O novo tempo do mundo**: e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo: Boitempo, 2014. [ebook] 453 p.
- BBC NEWS BRASIL. Fogueiras de livros e lavagem cerebral: quem foi Goebbels, ministro de Hitler parafraseado por secretário de Bolsonaro. **BBC News Brasil**, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- BECKETT, S. **Esperando Godot**. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.
- BEIGUELMAN, G. A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covídico. **Revista Latinoamerica de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v.23, n.3, p.549-563, set. 2020.
- BERNARDO, J. Arte e espelho 5. **Passa Palavra**, 2 abr. 2021. Disponível em: <https://passapalavra.info/2021/04/136433/>. Acesso em: 7 dez 2023.
- DUNKER, C. *et al.* Para uma arqueologia da psicologia neoliberal brasileira. *In*: SAFATLE, V.; SILVA JR., N.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GAGO, V.; GIORGI, G. Notas sobre las formas expresivas de las nuevas derechas: las subjetividades de las mayorías en disputa. **Anuario de la Escuela de Historia Virtual**, ano 13, n.21, p.61-74, 2022.
- GUERREIRO, I. O futuro de junho hoje. **Passa Palavra**, 31 jul. 2023. Disponível em: <https://passapalavra.info/2023/07/149292/>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- HIRATA, D.; ROCHA, L. de M.; SANTOS JR., O. A. dos. Illegalismos, controle territorial armado e a cidade: reflexões na perspectiva de uma agenda de pesquisa. **Cadernos Metrôpole**, [S. l.], v.26, n.61, p. e6168000, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/68000>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- IKEDA, M. O “novíssimo cinema brasileiro”. Sinais de uma renovação. **Cinemas d’Amérique latine**, 18 abr. 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cinelatino/597>. Acesso em: 20 dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/cinelatino.597>.
- KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- KURZ, R. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- MANSO, B. P. **A fé e o fuzil**: crime e religião no Brasil do século XXI. São Paulo: Todavia, 2023. [ebook] 330p.
- MORAES, A. *et al.* **Junho**: potência nas ruas e nas redes. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2014.
- NUNES, R. **Do transe à vertigem**: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu, 2022.
- PACHECO, R. Um golpe (bem) dado em nome de Deus. **Intercept Brasil**, 2 set. 2016. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2016/09/02/um-golpe-bem-dado-em-nome-de-deus/>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- PRIETO, G; VERDI, E. F. Irmãos na Terra Prometida: crime, igreja e regularização fundiária em São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, v.1, n.85, p.55-73, 2023. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v1i85p55-73. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/215451>. Acesso em: 15 abr. 2025.

RANCIÈRE, J. O espectador emancipado. *In*: RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2014.

TELLES, V. da S. Transitando na linha de sombra, tecendo as tramas da cidade (anotações inconclusas de uma pesquisa). *In*: OLIVEIRA, Francisco; RIZEK, Cibebe. (orgs.). **A era da indeterminação**. São Paulo, Boitempo, 2007.

TELLES, V. da S.; HIRATA, D. V. Illegalismos e jogos de poder em São Paulo. **Tempo social**, v.22, p. 39-59, 2010.

WISNIK, G. ROLNIK, R. Instalar grades em palácios modernistas de Brasília seria um erro. **Folha de S.Paulo**, 23 jan. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/01/instalar-grades-em-palacios-modernistas-de-brasilgia-seria-um-erro.shtml>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SOBRE O AUTOR

Matheus Henrique da Silva Martins, graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo (FAUD-USP) e pesquisador do LabCidade. Esse artigo foi desenvolvido no segundo semestre de 2023, no âmbito da disciplina obrigatória de graduação História da Arte II, lecionada pelo Prof. Dr. Guilherme Wisnik, e do grupo de estudos coordenado pela Profa. Dra. Isadora Guerreiro, ambos na FAU-USP.

matheushenrique@usp.br